

De roupa nova, o PDS ataca

"Nós somos um partido de oposição, com mandato passado pelo povo". Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, a frase não é de militantes da esquerda. Trata-se, na verdade, da mais recente definição do PDS — ou do "novo PDS" —, segundo seu candidato a senador pelo Distrito Federal, Acyr Pitanga Seixas.

Se o discurso agora é outro, o "antigo" PDS continua vivo, mas abrigado sob outras siglas, como frisa Seixas. "Poucas são as pessoas que se lembram de que os culpados por estes 20 anos, os que mandaram, continuaram no poder. Eles abandonaram o PDS, foram para outros partidos, mas não deixaram o governo. Então, o PDS de que o povo não gosta continua no poder".

Nesta entrevista ao **C O R R E I O BRAZILIENSE**, este convicto anticomunista fala da herança deixada ao partido, por ele mesmo, nestes anos de autoritarismo; afirma que o governador José Aparecido é seu maior "cabo eleitoral"; critica sua administração; e propõe um "pacto político" entre os partidos.

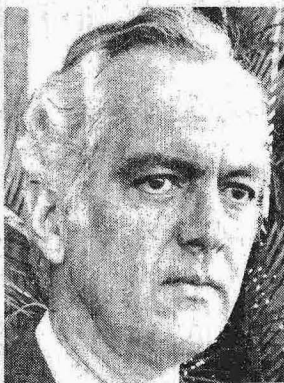
O sr. diz que o PDS é um partido de oposição, com mandato popular. Como explica, então, que ele seja rejeitado pela população?

Nas pesquisas, a sigla aparece com o segundo maior índice de rejeição e seus candidatos não situam-se entre os mais votados.

— Nós carregamos um peso muito grande, que é a sigla PDS. Houve, durante a transição do regime autoritário para a democracia, uma conscientização de que o PDS foi o culpado de todo o mal que aconteceu durante estes 20 anos. Poucas são as pessoas que se lembram de que os culpados por estes 20 anos, os que mandaram, que foram mensageiros entre o Palácio do Planalto e o Congresso Nacional, para que o partido não votasse as diretas, continuaram no poder. Eles abandonaram o PDS, mas continuaram no governo.

Então, o PDS de que o povo não gosta continua no poder. E os que hoje estão nele são homens que levam a legenda com muita dignidade, porque nós entramos no partido num momento em que a moda era sair. O atual PDS realmente é comprometido com uma ideologia e com seu programa, que é extremamente progressista, mas que nunca foi cumprido.

— Se é tão pesado carregar a sigla e se, na verdade, vocês dizem ter outros objetivos, não era mais fácil simplesmente abrigar-se em outra legenda?



Pitanga

Entendíamos que, se o produto não estava bom, não adiantava mudar a embalagem e o rótulo. Precisava mudar e transformar o conteúdo. E é isso que estamos fazendo em Brasília. E resolvemos encarar esse peso que é a sigla; enfrentar essa situação com dignidade.

— E qual é a doutrina deste "novo" PDS?

Somos um partido de centro e não admitimos pressões de esquerda ou direita. Defendemos a livre iniciativa; a greve como direito legítimo de pressão dos trabalhadores; a inviolabilidade das assembleias sindicais; a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, assim como a sua co-gestão. Ou seja, nosso objetivo é apli-

car o programa do PDS, que é extremamente progressista e nunca foi aplicado.

Ideologicamente, é um partido monolítico?

É extremamente unido, principalmente em Brasília.

Então como é que, enquanto o senhor diz que o partido é de centro, alguns candidatos se assumem de direita e se orgulham disto, como é o caso do Antônio Garcia, candidato a deputado?

Veja bem, o partido é uma agremiação complexa, constituída de diversos filiados e militantes. O que caracteriza a coloração partidária é a média do comportamento de seus filiados. Em todos os partidos encontramos militantes mais à esquerda e à direita. É o equilíbrio destas correntes que caracteriza um partido de centro.

Mas um homem que frisa ser de direita adotaria este programa que o sr. chama de progressista?

— Acho que sim. Veja bem, estas contradições existem em qualquer partido. Com a restauração da liberdade de pensar e das liberdades políticas, permitiu-se que o comunista, no Brasil, batesse a mão no peito e estendesse o seu símbolo estrangeiro ao lado da bandeira nacional. Mas, ao mesmo tempo, vemos um candidato do PC do B, o Paulo Cassis, defender na televisão uma forma de governo, onde os mandatórios seriam eleitos via Colégio Eleitoral.

— O que o sr. tem contra o comunismo?

— Eu sou anticomunista porque repudio tudo que seja ideologia importada, seja da União Soviética, dos Estados Unidos, da França, da Albânia... Acho que temos competência suficiente — e é aí que se afirma o verdadeiro conceito de soberania nacional — de tomarmos decisões e traçarmos os nossos próprios rumos. E o comunismo é uma ideologia importada, desde o símbolo da foice e martelo, que é a bandeira da União Soviética, até as citações de Marx ou da forma de regime da Albânia. E tudo importado.

Outro aspecto que repudio no comunismo é que nós estamos em busca de todas as liberdades democráticas, como ampla liberdade sindical e de associação; o revezamento dos partidos políticos no poder; a escolha através do voto direto dos seus dirigentes máximos; a liberdade de pensamento, de reunião e de ir e vir. E o comunismo é a antítese de todos estes anseios de um povo extremamente liberal como o brasileiro.

— Como o sr. encara a comparação feita por certos setores entre PDS e PT, já que ambos criticam o GDF e o governo federal?

— Acho que todos os partidos que não pertencem ao governo e fazem oposição ao governo, têm uma sintonia e uma sensibilidade para os problemas e falhas que este governo está transferindo para a massa trabalhadora. Então, quando PDS e PT denunciam a penalização do assalariado pelo Plano Cruzado, por exemplo, estamos defendendo pontos semelhantes. Existe uma identidade de pontos de vista em todos os partidos e por isso tenho pregado a realização de um pacto político, que seria uma forma suprapartidária de encaminharmos soluções para problemas que são comuns a todos os brasileiros.

— Os partidos que disputam a eleição em Brasília poderiam formar um bloco unido na Constituinte?

— Isso mesmo. Defenderíamos, por exemplo, a realização de eleições diretas para governador do DF.

— Aliás, o atual governador ameaçou processá-lo por calúnia, difamação e injúria...

— E com isso, acabou se transformando no meu maior cabo eleitoral. Ele foi tremendamente mal assessorado. Informaram a ele que eu o acusei de desviar recursos do DF para a campanha de Itamar Franco, em Minas Gerais. Quem disse isto foi seu correligionário e governador de Minas, Hélio Garcia. Quando o dr. Célio Campos anunciou que iria rever os teipes e fitas para me enquadrar, uma cortina de silêncio foi deitada sobre o assunto.